

# O potencial geodidático de um arquipélago: as “Ilhas de Santa Catarina”

Roberta Alencar<sup>1</sup>; Gilson Burigo Guimarães<sup>2</sup>

<sup>1</sup> UFSC; <sup>2</sup> UEPG

**RESUMO:** Quando se fala da capital do Estado de Santa Catarina é comum ressaltar as belas paisagens compostas por elementos da geodiversidade da porção insular. Sua história geológica está registrada principalmente por rochas ígneas graníticas neoproterozoicas do Ciclo Brasileiro, intrusões de diques de diabásio do Cretáceo relacionados à abertura do Oceano Atlântico e depósitos cenozoicos das planícies e praias. A Ilha de Santa Catarina, disposta paralelamente à costa continental, com aproximadamente 54 km de comprimento por 18 km de largura máxima, possui em sua porção central um notável maciço rochoso alongado segundo NNE-SSW, cercado por morros de menor porte, terraços e áreas rebaixadas. Os efeitos da alternância quaternária de fases glaciais e interglaciais representam o traço mais marcante dos processos integrantes da geodiversidade deste dinâmico arquipélago, constituído pela ilha principal, 31 ilhas e 12 ilhotas que constituem o Complexo Insular do Município de Florianópolis. Diferentes eventos de transgressão-regressão (Cananéia, Santos) reuniram as ilhas maiores pretéritas na atual Ilha de Santa Catarina, determinando a construção de um complexo de cordões litorâneos, praias, terraços, manguezais, com destaque para os campos de dunas da Joaquina e Ingleses, a Laguna da Conceição e a Lagoa do Peri. A intervenção antrópica, especialmente a partir da década de 1970, trouxe um elemento adicional aos fatores de origem tradicionalmente naturais de construção da paisagem. Aterros mecânicos e hidráulicos nas baías Norte e Sul, com os objetivos de ampliação da malha viária e das áreas para implantação de outras modalidades de edificações, alteraram significativamente os contornos do arquipélago, tal como a incorporação da Ilha do Carvão, sede atual dos clubes de prática da modalidade esportiva de remo, na cabeceira da ponte Colombo Salles. Explorar e divulgar a variação no modelado da Ilha, seja de ordem natural ou construída, apresenta-se como um desafio ainda a ser encarado no ensino das geociências. Os eventos geológicos e antrópicos exemplificam, a partir da realidade local, os conteúdos do 6º ano do Ensino Fundamental sugeridos nos PCNs: conceitos de paisagem natural e cultural; lugar; território; formas de relevo; e emprego de minerais e rochas. Alguns dos recursos metodológicos com potencial de conectar a geodiversidade da Ilha ao processo de ensino-aprendizagem são: o uso de materiais visuais como fotos aéreas, imagens de satélite, cartas náuticas atuais e antigas; saídas de campo em pontos estratégicos, tais como o Morro da Cruz, mirante natural com vista privilegiada deste arquipélago e seus elementos naturais e construídos; e a confecção de maquetes. O processo histórico de formação do arquipélago, geológico e antrópico, poderá também ser repassado a turistas e moradores a partir de painéis explicativos ou com recursos inovadores, como a instalação artística na porção central da Ilha de “paleolinhas de costa” diferenciadas por cores ou pelo uso de materiais da geodiversidade local (granito, diabásio), marcando o momento da construção dos aterros ou diferentes transgressões. Compreender a realidade local a partir do resgate histórico da Terra agrega ao ensino de geociências o processo de formação da cidadania e de gestão dos espaços do lugar em que se vive.

**PALAVRAS-CHAVE:** GEODIVERSIDADE, ENSINO DE GEOCIÊNCIAS, ILHA DE SANTA CATARINA